

FONTENLA . SOARES . AMADEU TORRES . BECHARA . GIL HERNÁNDEZ . ROCHA  
VALENTE . DIOGO . PRIETO . KRAMER . ALDREI . SILVA . CHALENDAR . BREA . OURO  
. VIDAL BOUÇÃO . HERRERO . CORREIA . HORTAS . DURÃO . MOTA . ALBUQUERQUE .  
RABUNHAL . BORGES . MATA . POLANAH . COSTA . FERREIRA . CABRAL . MALEVAL  
. WEIGERT . MARTINHO . BARROSO . AZEVEDO . BARCELOS . GUITESCU . CRISTÓVÃO .  
VILELA . SILVEIRA . EIRINHA . PADRÃO . CAEIRO . CARVALHO . MACHADO . NOVAIS .  
RITA CARVALHO . M. ALGUÉM . CORTE-SALVA . JORGE LETRIA

# I CONGRESSO INTERNACIONAL DE LITERATURAS LUSÓFONAS

EM HOMENAGEM A RODRIGUES LAPA,  
CELSO CUNHA E CARVALHO CALERO



REVISTA DA LUSOFONIA  
PONTEVEDRA - BRAGA, 1990/91

N.º 19-28

## A CATEGORIA ASPECTUAL DA COLOCAÇÃO E SUA EXPRESSÃO PERIFRÁSTICA EM PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

por

HENRIQUE BARROSO FERNANDES

(Univ. do Minho, Braga, Portugal)

**RESUMO:** A *colocação* é uma categoria gramatical verbal que, ao contrário das de *visão* e de *fase*, por exemplo (categorias que dizem respeito ao desenvolvimento da acção verbal), assinala a relação de uma acção verbal com outra(s) acção(ões) verbal(ais) do contexto.

O processo que melhor realiza, na norma linguística portuguesa actual, esta categoria aspectual é a expressão perifrástica. Assim, as construções *começar por+infinitivo*, *começar+gerúndio*, *acabar por+infinitivo*, *acabar+gerúndio*, *terminar por+infinitivo*, *terminar+gerúndio*; *vir a+infinitivo*, *chegar a+infinitivo*; *ir+infinitivo* e *vir+infinitivo* são os sintagmas gramaticais que servem à expressão das sub-categorias aspectuais *alinhamento* (=ordem), *disposição resultante* e *demarcação*, que a categoria da COLOCAÇÃO compreende.

### Introdução

Antes de procedermos ao estudo propriamente dito das perífrases que expressam o conteúdo aspectual em epígrafe, façamos umas breves considerações a respeito da categoria gramatical verbal *aspecto* e da sua expressão perifrástica na norma linguística portuguesa contemporânea, para que melhor se possa entender a interpretação aqui defendida.

Assim, e em primeiro lugar, devemos salientar que o *aspecto* é uma categoria gramatical de 2.º grau (tal como o são as categorias verbais *tempo*, *modo*, *voz*, *pessoa* e *número* e ainda as categorias nominais *género* e *número*), própria do verbo, mas que não lhe é exclusiva enquanto classe léxica, isto é, pode estender-se a outras classes de palavras.

Enquanto categoria gramatical verbal, o *aspecto* diz respeito ao desenvolvimento interno do(s) processo(s) verbal(ais), independentemente da sua localização no eixo temporal. É ainda, e ao contrário do *tempo* (que é uma categoria objectiva que o 'implica' [o tempo])<sup>1</sup>.

*subjectiva que o 'explica'),  
uma categoria*

De acordo com Eugénio Coseriu<sup>2</sup>, consideramo-lo uma categoria pluridimensional, já que indica a *duração* (o processo pode ser mais ou menos durativo ou até pontual), as *fases* (o processo pode estar para realizar-se, etc.), a *colocação* (o processo pode situar-se relativamente a processos que lhes são ou imediatamente anteriores ou imediatamente posteriores), a *visão* (o processo pode ser visto ou global ou parcialmente), o *resultado* (o processo pode apresentar um resultado efectivo ou produtivo), a *repetição* ou *número verbal* (o processo pode ser único ou repetido uma ou várias vezes), a *determinação* ou *orientação objectiva* (o processo indica o seu encaminhamento: do princípio para o fim ou vice-versa, ou indiferente a esta orientação), etc., etc., pois, segundo o mesmo autor<sup>3</sup>, as dimensões aspectuais são teoricamente numerosas.

Em seguida, devemos sublinhar que, sendo o *aspecto* uma possibilidade universal da linguagem, tal categoria não se encontra, de facto, representada em todas as línguas do mundo, e, naquelas que a conhecem, a sua realização não se processa da mesma maneira.

Aqui cabe dizer que, se nalgumas línguas do mundo, logo que haja 'noção verbal', esta se organiza em torno do *tempo* (as línguas românicas servem de exemplo a esta afirmação), noutras, tal organização opera-se em torno do *aspecto* (as línguas eslavas, por exemplo, estão aí para o testemunhar).

Depois, ainda (e porque cada sistema linguístico particular apresenta a sua própria estrutura — singular relativamente a todas as outras —), convém saber qual(ais) o(s) processo(s) manifestativo(s) da categoria que agora nos ocupa (de entre um conjunto possível) existente(s) em cada uma das línguas funcionais e estabelecer uma hierarquia de importância, isto é: saber qual o mais representado e qual o menos representado, qual o mais sistemático e qual o menos sistemático, qual(ais) o(s) processo(s) gramatical(ais) e qual(ais) o(s) processo(s) não gramatical(ais), etc. Tudo isto é, de facto, necessário, para que se possa fazer uma interpretação global e verdadeira do efectivo funcionamento desta ou de outras categorias gramaticais da língua em análise.

Posto isto, e no que ao sistema linguístico português diz respeito, temos a dizer na 'noção verbal' se estrutura em torno do eixo temporal, ou seja, da categoria gramatical *tempo* e que, de entre os possíveis processos representativos da categoria gramatical *aspecto* (*lexical*, *contextual*, *flexional* e *perifrástica*), este último (a *expressão perifrástica*) é, de longe, o mais funcional e rentável, isto é, aquele que maior grau de sistematicidade apresenta. E isto por duas ordens de razões. A primeira, porque as realizações *lexical* e *contextual* não são gramaticais (daí a sua precária sistematicidade) e *flexional*, apesar de o ser, não tem, na nossa língua, muita pertinência — a não ser nas morfotaxes do passado, que, segundo José G. Herculano de Carvalho<sup>4</sup>, apresentam uma certa regularidade —, já que o sistema verbal central português se estrutura, como já foi há pouco referido, em torno da 'noção temporal'. De facto, nas formas do paradigma verbal central (que expressam fundamentalmente as categorias gramaticais *tempo* e *modo* e *pessoa* e *número*), se 'algo' de natureza aspectual se manifesta, não passam, no dizer de E. Coseriu, de 'efeitos secundários', decorrentes das significações gramaticais primárias e determinadas, muitas vezes, pelo contexto de ocorrência.

A segunda razão: porque as formas verbais simples, não sendo já capazes de comportar outros (= novos) significados (de natureza aspectual, mas também temporal, modal, diatética — sobretudo — e de outras naturezas) decorrentes do(s) processo(s) verbal(ais), a norma linguística teve de lançar mão a novas estruturas<sup>5</sup>,

capazes, neste caso, de expressarem aqueles valores que se encontravam apenas latentes no nível mais abstracto de hierarquização linguística, ou seja, no *sistema*.

Essas novas estruturas são, pois, os *sintagmas gramaticais*, constituídos estes, geralmente, por um *verbo auxiliar* (= verbo morfemático), conjugado, mais uma forma nominal (*infinitivo, gerúndio ou particípio*) do *verbo auxiliado*, precedido ou não de uma preposição. Tais estruturas, assim construídas, caracterizam-se por um forte elo de ligação/subordinação entre as partes intervenientes, o que faz com que, sendo muito embora uma unidade (*predicado*) do sintagma, pertençam a um paradigma próprio. Este paradigma constitui um *sistema complementar* (ou *marginal*), como lhe chama E. Coseriu<sup>6</sup>, do *sistema verbal fundamental*, isto é, o das formas verbais simples.

Trata-se, por conseguinte, de um sistema 'complementar', visto que (como aliás já foi sugerido há instantes) vem suprir, de forma inequívoca e espectacular, a incapacidade das formas verbais simples no tocante à expressão de certas modalidades (nomeadamente aspectuais, mas também outras) do verbo português, em particular, e do verbo românico, em geral. E 'marginal', porque, obviamente, não se encontra no centro da flexão verbal, mas nas suas margens, ou seja: o sistema verbal central está ulteriormente recoberto por várias 'camadas' de valores aspectuais, como nos sugere Wolf Dietrich<sup>7</sup>.

São entidades desse paradigma as perífrases gramaticais verbais. Estas resultam do processo (complexo) de gramaticalização (isto é, instrumentalização de signos linguísticos) que as tornam num todo funcional, quer sob os pontos de vista semântico e sintagmático, quer ainda — e sobretudo — sob o ponto de vista paradigmático. São estes sintagmas verbais — unidades constantes aos níveis da *norma* e do *sistema* — que, na norma linguística portuguesa actual, expressam toda uma série de modalidades aspectuais, do conjunto das quais, vamos traçar, de imediato, apenas da modalidade aspectual da *colocação*, porque é esta *hic et nunc* a nossa preocupação.

## 1. Definição/caracterização da categoria aspectual da «colocação»

Esta categoria aspectual caracteriza-se por assinalar a relação de uma acção com outra (ou outras) acção(ões) do contexto. Este, como fez notar Wolf Dietrich, «se introduce implícitamente y a menudo sólo en general, es decir, no en relación a determinadas acciones, sino sólo en relación con ciertas acciones posibles, y constituye un segundo plano con respecto al cual se considera o 'coloca' la acción explícita»<sup>8</sup>. Deste modo, os termos da oposição correspondem ao 'plano da acção considerada' e ao 'plano da acção (ou acções) não considerada(s)', ou, simplesmente, *considerada* / *não considerada(s)*.

A categoria aspectual da *colocação* compreende três sub-categorias e todas elas representadas perifrasticamente na norma linguística portuguesa contemporânea. Tais sub-categorias são, pois, o *alinhamento* (ou *ordem*), a *disposição resultante* e a *demarcação*.

## 2. As sub-categorias aspectuais da «Colocação»

### 2.1. A sub-categoria aspectual *alinhamento* (ou *ordem*)

Este valor aspectual significa a 'ordem' de ocorrência da acção verbal 'considerada'. De acordo com esta propriedade, uma acção verbal pode alinhar-se no

seu começo, no seu meio, ou no seu termo. Em português, só o 'alinhamento' da acção verbal no seu começo (Cf. Fig. 1) e no seu termo (Cf. Fig. 2) se encontra perifrasticamente realizado<sup>9</sup>.

Os sintagmas gramaticais que, na norma linguística portuguesa actual, expressam este(s) valor(es) aspectual(ais) são *começar por+infinitivo* (ou *começar+gerúndio*), para o começo; *acabar por+infinitivo* (ou *acabar+gerúndio*) e *terminar por+infinitivo* (ou *terminar+gerúndio*), para o termo.

### 1. Começa por

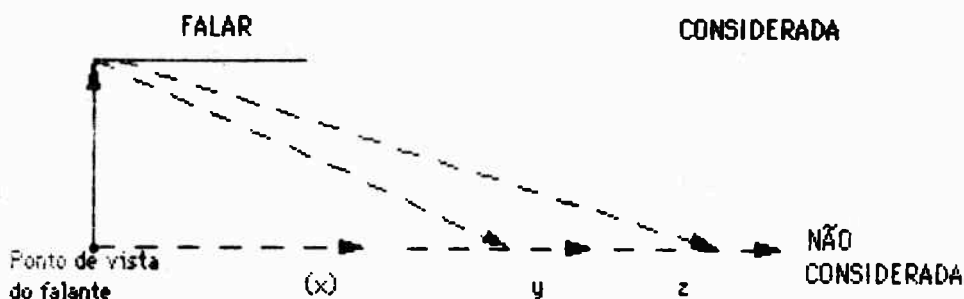


Fig. 1

### 2. Acaba por

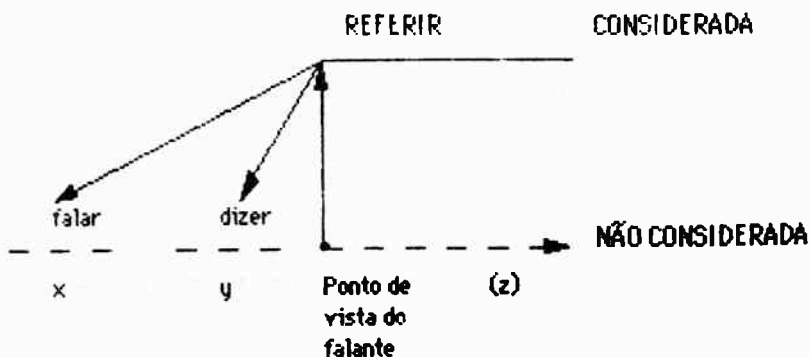


Fig. 2

Antes de estudarmos alguns exemplos dos seus paradigmas — que nos permitirão tirar algumas conclusões interpretativas —, refira-se que *começar por+inf.* e *começar+ger.*, por um lado, e *acabar por+inf.* e *acabar+ger.*, por outro lado, representam variantes da norma, para o 'alinhamento' da acção verbal no seu

começo e no seu término, respectivamente; e que *termina*<sup>Y</sup>*por+inf.* e *termina*<sup>Y</sup>*+ger.* constituem variantes de *acabar por+inf.* e *acabar+ger.*, também respectivamente.

### 2.1.1. *Começar por+infinitivo*

Ex. 1 «(...) embora se saiba que muitas vezes *começamos por falar* de horizonte porque é o mais curto caminho para chegar ao coração».

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 352.

Ex. 2 «*Começavam por falar* de Miss Sara, daquele tempo agreste e húmido que lhe era tão desfavorável».

Eça de Queiroz, *Os Maias*, pp. 365-366.

Ex. 3 «*Começou por ter* dores fortes de cabeça. Depois a vista turbou-se-lhe. Depois ficou logo em coma, levaram-na para o hospital. Derrame cerebral, levaram-na, morreu».

Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 80.

Ex. 4 «Davam por falta do frade, *começariam por buscá-lo* na cela, depois por todo o convento, no refeitório, na sala do capítulo, na livraria, na horta, (...)».

José Saramago, *Memorial do Convento*, pp. 346-347.

Ex. 5 «*Comece por acreditar* que isso é perfeitamente normal».

O *Jornal*, 1988/Abril/8 a 14.

Ex. 6 «Para si mesma tinha escolhido mais um *bloody Mary*, e veio deitar-se de bruços junto do meu cadeirão, *começando logo por perguntar*: — *Você viu aquilo? Ouviu aquilo?*».

David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 96.

### 2.1.2. *Começar+gerúndio*

Ex. 7 «Sempre que se interrogava alguém sobre a justiça social, as pessoas que se encontravam perto *começavam ripostando* com gargalhadas irónicas».

Ex. 8 «Como que hipnotizado, *comecei descrevendo* à Y — a tentar descrever-lhe — esta casa que eu tinha a certeza de nunca ter visto, mas que mentalmente se me representava nos seus mínimos pormenores».

David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 51.

As construções perifrásticas exemplificadas em 2.1.1 e 2.1.2. são perfeitamente normais/funcionais na norma linguística portuguesa contemporânea. Apenas existe um senão: é que a estrutura 2.1.2. é muito mais rara em comparação com a 2.1.1.

Quanto à coocorrência/cominação verbal, verificamos que ambas as estruturas se combinam quer com verbos plenos ('durativos' ou 'momentâneos'), quer com verbos cópula.

### 2.1.3. *Acabar por+infinitivo*

Ex. 9 «Era um tipo perigoso. Inventava as palavras e a gente *acabava por ter* de meter lá as coisas mesmo que lá não coubessem».

Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 188.



Ex. 10 «O PRD, com Ramalho Eanes, mostrou-se porventura mais activo, mas essa actividade *acabou por acentuar* a ideia de que não tem estratégia».

*O Expresso*, 1986/12/27.

Ex. 11 «Completamente arrasada, (...), por mais um dos seus incontáveis concursos, *acaba por decidir*, com o seu clínico pragmatismo de para grandes males grandes remédios, empenhar umas jóias de família e (...)».

David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 89.

Ex. 12 «Enfim, tudo *acabará por saber-se* com o tempo».

José Saramago, *Memorial do Convento*, pp. 36-37.

Ex. 13 «Depois de tanto me terem prevenido de que não abrisse bico sobre o meu caso, em Espanha não irão gostar quando souberem, mas se eu ficar cá por uns dias talvez que *acabem por esquecer-se* de mim».

José Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 114.

Ex. 14 «A ligação estava tão má que eu tinha de ir repetindo praticamente tudo o que a Y murmurava para que tudo *acabasse por fazer sentido*».

David Mourão-Ferreira, *Um Amor Feliz*, p. 189.

Ex. 15 «Não me diga, Ai digo, digo, vai ver que eles vão *acabar por confessar*».

José Saramago, *A Jangada de Pedra*, p. 39.

#### 2.1.4. *Acabar+gerúndio*

Ex. 16 «Mandarim grita: 'Clariiissa!'

Ela nem sequer levanta os olhos para o papagaio. Pode gritar à vontade. Não tem mais espírito. Também isto todos os dias *acaba cansado*».

Érico Veríssimo, *Clarissa*, p. 76.

Ex. 17 «(...); por outro lado, se contasse um, teria que contar todos os que a ele se prendessem, e *acabava fazendo* um capítulo de psicologia».

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 171.

Ex. 18 «E Bento *acabou se acamaradando* com Severino».

José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 174.

Ex. 19 «Em pouco tempo eu me acostumaria aos companheiros e aos mestres, e *acabaria gostando* de viver com eles».

Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 232.

Ex. 20 «(...); tais eram que me fariam capaz de *acabar casando* com ela, se não fosse Capitu».

Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 251.

Os exemplos aqui apresentados, quer em 2.1.4., quer ainda nos parágrafos antecedentes e sequentes são apenas uma amostra da funcionalidade e vitalidade das referidas construções na norma do português contemporâneo. Não se pense, portanto, que são os únicos exemplos que conseguimos encontrar. Repetimos:

estes extractos exemplificativos têm a função de mostrar a funcionalidade dos respectivos paradigmas que, nalguns casos, se verifica serem coincidentes as realizações da *norma* e as casas previstas no *sistema*, isto é: há estruturas que se encontram realizadas em todos os tempos e modos, pessoas e números.

Como as fontes dos exemplos documentam, verifica-se que *acabar por+inf.* é a estrutura preferida na norma portuguesa de Portugal e *acabar+ger.* é, ao invés, a preferência da norma portuguesa do Brasil<sup>10</sup>.

A coocorrência verbal das estruturas 2.1.3. e 2.1.4. é idêntica às imediatamente anteriores (2.1.1. e 2.1.2.).

#### 2.1.5. *Terminar por+infinitivo*

Ex. 21 «Agora, uma estreita tira de água e monte que se avistam entre dois prédios de cinco andares, separados por um corte de rua, formava toda a paisagem defronte do Ramallete. E, todavia, Afonso *terminou por lhe descobrir* um encanto íntimo».

Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 10.

Ex. 22 «D. Margarida saudou-me com o mais amável dos seus sorrisos, e dirigiu-me duas graças benevolmente maliciosas, sobre o meu passeio em jejum, *terminando por me colocar* à sua direita, defronte de um magnífico chocolate que deveras me deleitou».

Júlio Dinis, *Serões da Província*, p. 14.

#### 2.1.6. *Terminar+gerúndio*

Ex. 23 «Lembrava-se bem das palavras dele: «António, não há o que *fazer* mais. *Terminam liquidando* os pobres».

José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 232.

Ex. 24. «Ele mesmo se assustava, temia que *terminasse acreditando* nas histórias da Pedra».

José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 215.

Relativamente a *acabar por+inf.* e *acabar+ger.*, as estruturas acabadas de considerar — que, aliás, se apresentam como variantes daquelas — ocorrem com muito menos frequência. E, atendendo aos exemplos recolhidos, podemos até (talvez?) dizer que se trata de variantes estilísticas, típicas de certos autores.

(Cf., de novo, os exemplos).

A  
Quanto à sua combinação verbal, parece, *grosso modo* (pelo menos não encontrámos nada que o contradissesse), ser semelhante à das estruturas 2.1.1., 2.1.2., 2.1.3. e 2.1.4.

E, por último, chamamos a atenção para a construção *findar por+inf.* que, em todo o caso, nos parece ser uma variante, tipicamente estilística, de *acabar por+inf.* Documentámo-la apenas em Eça de Queiroz. E, de todos os sintagmas gramaticais até agora estudados, é aquele que aparece muitíssimo mais raramente. Vejamos, então, dois exemplos do seu paradigma que têm a função de comprovar o que se acaba de dizer.



### 2.1.7. *Findar por+infinitivo*

Ex. 25 «E suspirou, *findou por dizer*, um pouco murcho, que era por ser entre cavalheiros, e com amizade, que aceitava os cem mil réis».

Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 541.

Ex. 26 «Era esse medo que já na véspera o trouxera todo o dia por fora no *dog-cart*, *findando por jantar* lugubrememente com o Cruges, escondido num gabinete do Augusto».

Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 665.

### 2.2. A sub-categoria *aspectual disposição resultante*

A *disposição resultante*, contrariamente à anterior sub-categoria, indica que a acção verbal se apresenta como um resultado relativamente às acções anteriores não explicitadas (ou não 'consideradas') (Cf. Fig. 3)<sup>11</sup>.

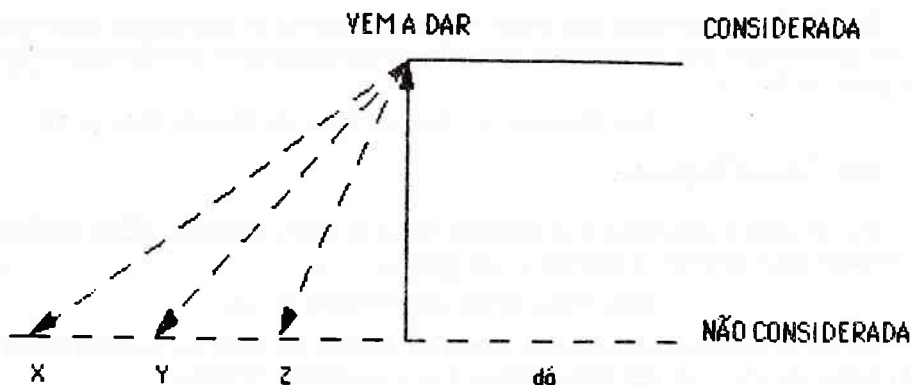


Fig. 3

*Vir a+infinitivo* e *chegar a+infinitivo* são os sintagmas gramaticais encarregados de expressar esta significação gramatical.

Pensamos que ambas as construções (muito embora expressem a mesma função aspectual — daí representarem duas 'variantes livres' —) se distinguem uma da outra, porque *chegar a+inf.* 'sub-entende' sempre uma espécie de 'alinhamento' (ou 'ordem').

#### 2.2.1. *Vir a+infinitivo*

Ex. 27 «Podemos mesmo chamar-lhe o século da juventude. Já se lhe chamou o século da criança, disse eu. Exacto, disse ela, mas *vem a dar* no mesmo».

Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 71.

Ex. 28 «(...) , tanto mais que se fala em próxima chegada de uma frota da Holanda carregada do mesmo género, mas desta vez *virá a saber-se* que a assaltou uma esquadra francesa quase na entrada da barra, (...)».

José Saramago, *Memorial do Convento*, pp. 59-60.

Ex. 29 «(...) . *Viria* afinal a *verificar-se* a hipótese mais provável embora fosse a primeira vez que o filme mais lucrativo do ano ganhava o óscar principal, (...)».

*O Jornal*, 1987/10/23-29.

Ex. 30 «As senhoras sobretudo lamentavam que um rapaz que ia crescendo tão formoso, tão bom cavalheiro, *viesses a estragar* a vida receitando emplastros, e sujando as mãos no jorro das sangrias».

Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 88.

Ex. 31 «O PCP ainda aventava publicamente, a meio da tarde de ontem, a possibilidade de algumas das suas cerca de 200 propostas de alteração ao Orçamento apresentado pelo Governo *virem a fazer* vencimento na Comissão Parlamentar de Economia e Finanças».

*Jornal de Notícias*, 1987/12/23.

Ex. 32 «(...) , e se mais não aviou foi porque enfim o prenderam, aqui *vindo a ser sentenciado* por ser perto a casa do assassinado, com grande concorrência de povo, (...)».

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 37.

## 2.2.2. *Chegar*<sup>α</sup> ~~infinitivo~~

Ex. 33 «São a esperança e a saudade. Com os olhos naquela, quase *chegamos a olvidar* inteiramente a existência da última; (...)».

Júlio Dinis, *Serões da Província*, p. 12.

Ex. 34 «E aquela confiança tão nobre de Afonso da Maia no orgulho patrício, nos brios da raça do seu filho, *chegava a tranquilizar* Vilaça».

Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 29.

Ex. 35 «Tivera vontade, ainda *chegara a vestir* o seu terno preto a pedido da mulher».

José Lins do Rego, *Pedra Bonita*, p. 15.

Ex. 36 «Se os narizes se contemplassem exclusivamente uns aos outros, o género humano não *chegaria a durar* dois séculos: extinguia-se com as primeiras tribos».

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 79.

Ex. 37 «Os desígnios insondáveis de Deus não <sup>24</sup>~~permitiriam~~ que ele *chegasse a atingir* a sagrada dignidade do sacerdócio, que era o seu sonho mais ardente».

Vergílio Ferreira, *Manhã Submersa*, p. 208.

Ex. 38 «Abane a cabeça, leitor; faça todos os gestos de incredulidade. *Chegue a deitar* fora este livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes; tudo é possível».

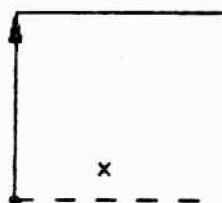
Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 238.

Com excepção da morfotaxe 'imperativo' de *vir a+inf.* (parece que a ordem não tem aqui sentido), pode-se afirmar que estamos na presença de dois paradigmas total e altamente funcionais. E, como os exemplos documentam, são estruturas que co correm com todo o tipo de verbos (verbos plenos e verbos cópula ).

### 2.3. A sub-categoria aspectual *demarcação*

Como escreve Wolf Dietrich<sup>12</sup>, «la acción se representa en este caso expresamente separada, 'demarcada', 'destacada' del contexto permaneciendo implícito, en general, el contexto mismo (plano no considerado)». De acordo com estas palavras, a *demarcação* não se apresenta na qualidade de um resultado como na anterior sub-categoria, mas sim de maneira absoluta. Deste facto decorrem, por conseguinte, os significados secundários de 'próximo', 'inesperado', 'especial', etc. *Ir+infinitivo* e *vir+infinitivo* (sintagmas gramaticais que expressam primariamente a dimensão temporal denominada por E. Coseriu<sup>13</sup> de 'segunda perspectiva prospectiva' e 'retrospectiva', respectivamente), quando o contexto os não permite identificar directamente como portadores destas funções gramaticais temporais acabadas de referir, devemos considerá-los como instrumentos gramaticais da sub-categoria aspectual de que estamos a tratar neste momento. Sendo diferentes os pontos de vista do falante no plano respectivo, devemos, portanto, distinguir duas classes de *demarcação* que podemos designar por *demarcação prospectiva* (*ir+inf.*) e *demarcação retrospectiva* (*vir+inf.*), também respectivamente (Cf. Fig. 4)<sup>14</sup>.

#### 1. YAI EXPOR

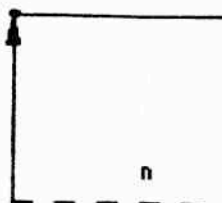


Ponto de vista  
do falante

1. demarcação prospectiva

#### 2. YEM CONFIRMAR

Ponto de vista do falante



CONSIDERADO

NÃO CONSIDERADO

2. demarcação retrospectiva

Fig. 4

#### 2.3.1. *Ir+infinitivo*

Ex. 39 «Morri de uma pneumonia; (...). *Vou expor-lhe* sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo».

Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, p. 16.

Ex. 40 «Então ela não *foi dizer*<sup>15</sup> à senhora que o patrão *lhe* tinha oferecido uma carta?! Que parva! ...».

Almada Negreiros, *A Engomadeira*, p. 19.

Ex. 41 «Foi então que *Selick* estabeleceu um acordo com a MGM (que se *iria tornar* particularmente proveitoso para esta), segundo o qual, em troca de Clark Gable e de um avanço de um milhão de dólares, a MGM ficaria com direitos de distribuição e ainda 50% dos lucros».

*O Jornal*, 1987/10/23-29.

Ex. 42 «Está de perfil como sempre a vejo e olho-a tão intensamente. Temo que ela se volte e *vá falar*—e que é que irias dizer? O nosso encontro é no eterno, meto de novo a fotografia no envelope».

Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 83.

Ex. 43 «(...), e com o que acabo de dizer estou nas mãos de ambos e perdido estarei se me *forem denunciar*».

José Saramago, *Memorial do Convento* p. 192.

Ex. 44 «Que é que se ganhou em saber que não era Júpiter que atirava os raios? Tivemos de *ir procurar* o mistério noutro lado para restabelecer a ordem».

Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*, p. 105.

### 2.3.2. *Vir+infinitivo*

Ex. 45 «Ao princípio os emigrados liberais, Palmela e a gente do 'Belfast', ainda o *vieram desassossegar e consumir*».

Eça de Queiroz, *Os Maias*, p. 16.

Ex. 46 «O grito de Blimunda, terceiro, e sempre o mesmo nome, não foi agudo, apenas uma explosão sufocada, como se as tripas *lhe* estivessem sendo arrancadas por gigantesca mão, Baltasar, e ao dizê-lo compreendeu que desde o princípio soubera que *viria encontrar* deserto este lugar».

José Saramago, *Memorial do Convento*, p. 340.

Ex. 47 «Calada como um testamento, aguardou que o rapaz *viesse falar-lhe* a sério. Lá com palavrinhas de amor, não!»

Miguel Torga, *Bichos* (conto 'Madalena'), p. 43.

Ex. 48 «Ora estas ranhosas, quem é que julgam que são para me *virem dar* sentenças».

José Saramago, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, p. 254.

Os paradigmas das estruturas 2.3.1 e 2.3.2. apresentam-se completos. Este facto determina, por conseguinte, a sua alta vitalidade e funcionalidade na norma linguística portuguesa actual.

Estes sintagmas gramaticais combinam-se perfeitamente com verbos 'durativos' e 'momentâneos'. Quanto aos verbos cópula, só *vir+inf.* é que não permite esta coocorrência. Já *ir+inf.* ocorre sem quaisquer restrições com este tipo de

verbos (exs.: «Para a semana vai estar mau tempo, segundo as previsões do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica»; «Desta maneira, esse casal vai ser feliz para sempre»).

Como última observação, registre-se que ambas as construções são tão viáveis na forma negativa quanto na afirmativa.

## Conclusão

Como remate deste trabalho, gostaríamos de (re)lembrar alguns princípios teórico-metodológicos que presidiram a este tipo de análise e que constituem, por assim dizer, o corolário de tudo o que aqui se disse.

Assim, e em primeira instância, verificamos que alguns sistemas de perífrases [no conjunto total que, no estado actual da língua portuguesa, está ao serviço da expressão deste(s) <sup>(verbal)</sup> aspectual(ais) e de outros que aqui não estudámos] apresentam um paradigma completo; outros, pelo contrário, só nos oferecem algumas realizações. Por este mesmo motivo, diz-se que este(s) sistema(s) complementar(es) é (são) defectivo(s).

Essas falhas ou restrições do(s) referido(s) sistema(s) constata-se apenas na NORMA, pois a casas vazias, documentadas nesta, continuam a existir enquanto possibilidades no SISTEMA. E este, como sabemos, caracteriza-se por apresentar um conjunto de oposições funcionais, em parte realizadas e em parte por realizar: a 'diacronia' da norma na 'sincronia' do sistema<sup>16</sup>.

Em segunda e última instância, devemos sublinhar que a expressão perifrástica da categoria gramatical *aspecto* está em franco desenvolvimento no sistema linguístico português. E isto, graças ao processo de gramaticalização que transforma as construções léxicas em instrumentos gramaticais, deslocando-as da periferia (*lexicalização*) para o núcleo (*gramaticalização*).

## NOTAS

<sup>1</sup> Cf., de André Joly, «The problem of aspect: a psychomechanical approach», in *Quelques aspects de l'aspect*, pp. 101-116; e, ainda, de Gérard Moignet, «La théorie psycho-systématique de l'aspect verbal», in *La notion d'aspect*, pp. 41-49.

<sup>2</sup> E. Coseriu, «Aspect verbal ou aspects verbaux?», in *La notion d'aspect*, pp. 14-19.

<sup>3</sup> E. Coseriu, *Ibidem*.

<sup>4</sup> Cf., deste autor, «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in *Estudos Linguísticos*, vol. n.º 3, pp. 227 e seg.

<sup>5</sup> Sintomáticas, a este propósito, são as seguintes palavras de João de Almeida, in 1.ª contracapa de *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*: «Passar do verbo à perífrase verbal é, no mais das vezes, um desenrolar de pensamento para melhor caracterizar as diversas nuances do raciocínio, dentro da dinâmica do processo. Nisso se evidencia a insuficiência do quadro das conjugações verbais, bem como se revela o esforço da língua, procurando tais desdobramentos para adaptar-se à grandeza das ideias». De facto, uma das tendências gerais na evolução das línguas indoeuropeias tem sido a substituição de muitas distinções que anteriormente eram morfológicas por distinções perifrásticas.

<sup>6</sup> Cf., deste autor, o artigo «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in *Estudios de Lingüística Románica*, pp. 235 e seg.

<sup>7</sup> W. Dietrich, *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*, p. 226.

<sup>8</sup> W. Dietrich, *op. cit.*, p. 220.

<sup>9</sup> As figuras aqui reproduzidas são da autoria de W. Dietrich (Cf., por isso, *op. cit.*, pp. 220 e 221).

<sup>10</sup> Esta mesma observação é também válida para *começar por+inf.* e *começar+ger.*

<sup>11</sup> Reproduz-se aqui o esquema de W. Dietrich (Cf. *op. cit.*, p. 222).

<sup>12</sup> *Op. cit.*, pp. 222-23.

<sup>13</sup> «Aspect verbal ou aspects verbaux?...», in *La notion d'aspect*, p. 20.

<sup>14</sup> Mais uma vez reproduzimos aqui os esquemas de W. Dietrich (*Op. cit.*, p. 223).

<sup>15</sup> No estilo coloquial (talvez sobretudo no perfeito e no presente com valor de passado) falta muitas vezes valor aspectual, sendo então a perífrase *foi (vai)+inf.* equivalente expressivo da forma simples do verbo auxiliado: «Pois tu não sabes o que aquele maroto *foi dizer?*» Este facto, de que, precisamente por pertencer à linguagem coloquial, haverá poucos exemplos nos textos escritos, pode porém documentar-se já em Bernardim Ribeiro, no romance de Avalor da *Menina e Moça* (pp. 118-121), onde encontramos: «Dês — que os ouvidos aos olhos — a tristeza *foi igualar* / assi como ia a cavalo — *foi* pola ágoa dentro *entrar*»; e duas linhas adiante: «mas indo assi, por acerto — *foi* com um barco n'ágoa *dar*»; e logo depois «salta assi como ia dentro — e *foi* a amarra *cortar*» — onde *foi igualar*, *foi entrar*, *foi dar*, *foi cortar* representam as formas simples *igualou*, *entrou*, *deu* e *correu*. Note-se, contudo, que estas 'formas coloquiais' são típicas do género 'romance' ou 'rimance', que existia antes de Bernardim e continua a existir nos nossos dias — e que essa existência foi e é predominantemente popular, tradicional e *oral*.

<sup>16</sup> Cf., de E. Coseriu, «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in *Estudios de Lingüística Románica*.

## BIBLIOGRAFIA

### a) Textos teórico-metodológicos:

Almeida, João de, *Introdução ao Estudo das Perífrases Verbais de Infinitivo*. Assis-São Paulo: ILHPA-UCITEC, 1980.

Carvalho, J. G. Herculano de- «Temps et aspect: problèmes généraux et leur incidence en portugais, français et russe», in: *Estudos Linguísticos*, vol. n.º 3, Coimbra: Coimbra Editora, 1984, pp. 199-235.

Coseriu, Eugenio, «Aspect verbal ou aspects verbaux? Quelques questions de théorie et méthode», in: *La notion d'aspect*, Recherches Linguistiques V. Paris: Librairie Klincksieck, 1980, pp. 13-25; «El aspecto verbal perifrástico en griego antiguo (y sus reflejos románicos)», in *Estudios de Lingüística Románica*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977, pp. 79-151.

Dietrich, Wolf, *Der periphrastische Verbalaspekt in den romanischen Sprachen*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1973. [Versión española de Marcos Martínez Hernández (revisada por el Autor): *El Aspecto Verbal Perifrástico en las Lenguas Románicas*. (Estudios sobre el actual sistema de las lenguas románicas y sobre el problema del aspecto verbal perifrástico). Biblioteca Románica Hispánica, Madrid: Editorial Gredos, 1983].

Joly, André, «The problem of aspect: a psychomechanical approach», in *Quelques aspects de l'aspect*. DRLAV. Paris: Université de Paris VII, 1978, pp. 101-116.

Moignet, Gérard, «La théorie psycho-systématique de l'aspect verbal», in *La Notion d'Aspect*, pp. 41-49.

### b) Textos literários:

Assis, Machado de, *Memórias Póstumas de Brás Cubas e Dom Casimiro*. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1978.



Dinis, Júlio, *Serões da Província*. Lisboa: Edição do Círculo de Leitores, 1979.

Ferreira, Vergílio, *Até ao Fim*. Lisboa: Bertrand Editora, Lda., 1987.

—, *Manhã Submersa*, (8.ª edição). Amadora: Livraria Bertrand, 1979.

Mourão-Ferreira, David, *Um Amor Feliz* (1.ª edição). Lisboa: Editorial Presença, Lda., 1986.

Negreiros, Almada, *A Engomadeira*. Lisboa: Edições Rolim, 1986.

Queiroz, Eça de, *Os Maias*. Lisboa: Edições «Livros do Brasil», s.d.

Rego, José Lins do, *Pedra Bonita*. Lisboa: Edições «Livros do Brasil», s.d.

Ribeiro, Bernardim, *Menina e Moça ou Saudades*, Selecção e fixação do texto, introdução, notas e glossário de José G. Herculano de Carvalho (3.ª edição corrigida). Coimbra: Atlântida, 1973.

Saramago, José, *A Jangada de Pedra*. Lisboa: Caminho, 1986.

—, *Memorial do Convento* (16.ª edição). Lisboa: Caminho, 1986.

—, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (5.ª edição). Lisboa: Caminho, 1985.

Torga, Miguel, *Bichos* (11.ª edição). Coimbra: Edição do Autor, 1981.

Veríssimo, Erica, *Clarissa* (X edição). Lisboa: Edição «Livros do Brasil», s.d.

#### c) Imprensa:

*Expresso*, semanário, de Lisboa.

*Jornal de Notícias*, diário, do Porto.

*O Jornal*, semanário, de Lisboa.